

Cultura Ascurrense IV: Emmembergo Bazzanella

Prezados Ascurrenses e assíduos leitores do Jornal Parole: nos últimos três meses, através da oportunidade que nos foi dada, buscamos discutir a questão da cultura Ascurrense. Publicamos artigos que tinham por meta situar e apontar possibilidades de compreender a cultura de nosso município. E após esses textos, o que trazemos agora como contribuição e continuidade desse debate, serão entrevistas realizadas com nossos queridos ascurrenses (particularmente os de maior idade), afinal eles são nossa memória viva de nossa cidade e nem sempre são devidamente conhecidos por nossa comunidade.

Nessa linha, nosso primeiro entrevistado é o Senhor Emmembergo Bazzanella. Para a família Bazzanella de Ascurra ele é hoje nosso “Vétcho Bazzanella (velho Bazzanella: tradicionalmente sempre damos esse título ao nosso representante mais idoso). Filho mais novo de Ângelo Bazzanella e Virgínia Moretto Bazzanella é também o último filho vivo dos nove que esse casal teve. O Sr. Emmembergo Bazzanella nasceu em Ascurra, na localidade conhecida como Ribeirão São Paulo, 04 de março de 1927. Profissionalmente atuou como professor e também como agricultor, principalmente na rizicultura. Estudou até o terceiro ano primário em Ascurra. Terminou a quarta série em Rodeio onde também frequentou o equivalente ao ginásio (até 8ª série) e o Ensino Médio. Após, fez o curso Normal em Blumenau que o habilitou a lecionar. Lecionou de 1951 até o ano de 1980 na escola do Ribeirão Santa Bárbara (Cabras), quando se aposentou. Numa parte do dia lecionava (de manhã, normalmente) e à tarde se dedicava à agricultura. Bastante lúcido e empolgado, o “Zio” (o tio) de 80 anos, nos concedeu a entrevista, abaixo apresentada...

1. Sr. Emmembergo, o senhor nasceu em Ascurra. Mas, sempre morou aqui?

R: Sim, sempre morei em Ascurra. Saí por um curto período de tempo para ir morar em Santa Maria, quando me formei, aos 18 anos. Mas, assim que comecei a lecionar voltei a para Ascurra onde moro até hoje (Bairro Santa Bárbara).

2. Quais foram as principais dificuldades que o “Zio” enfrentou em Ascurra ao longo desses anos?

R: Dificuldades... não tive durante esses anos no que fiz. Tive dificuldades com os estudos pois precisei ir à Blumenau. Quanto à saúde eu não posso reclamar, pois nunca fiquei gravemente doente. Mas tive dificuldades no campo da saúde com minha primeira esposa, pois ela teve uma doença irreversível e veio a falecer aos trinta e nove (39) anos de idade no ano de 1969.

3. O que o “Zio” gostaria que permanecesse em Ascurra e que mudasse?

R: Gostaria que permanecessem em Ascurra os padres salesianos, o colégio Salesiano. Que mantenhamos a esperança em nosso município. Que mudasse... ah, eu gostaria que mudasse muita coisa. Que nós passássemos por exemplo, a ter uma boa administração de nosso município. Que o povo se interessasse bastante pelo progresso de Ascurra. Percebemos que muita coisa poderia ser melhor. Ter um bom hospital, por exemplo, e outras coisas mais que poderia falar.

4. “Zio”, conte-nos uma um pouco da história de Ascurra: um fato político ou um fato histórico que o Sr. se recorde e que tenha influenciado nossa história.

R: Um fato que lembro muito é da época em que tínhamos voto aberto, em que o voto não era secreto. Todo mundo ficava sabendo em quem se votava. Então, normalmente, as pessoas iam votar e se combinavam. Tínhamos o partido Liberal e o partido Republicano. E as pessoas combinavam assim: olha, vocês votam para o partido liberal, nós para os republicanos. Então, os dois ganham votos e nós não vamos ter contradições ou problemas com o governo. Me recordo desses acontecimentos, eu tinha entre doze (12) e treze (13) anos, entre a década de trinta (1930) e quarenta (1940).

5. Que aspecto cultural que o Sr acha que marca nosso município?

R: Um fato que eu acho que marca a cultura ascurrense é a influência dos padres salesianos. Eles praticamente começaram junto com Ascurra. O colégio dos padres. Eles sempre estiveram aqui. E acho que também os primeiros prefeitos que trabalharam por Ascurra, com as poucas possibilidades que eles tinham antigamente, contribuíram muito com a nossa cidade. Então, um fator cultural que marca muito nossa história é o fator religioso e muito em função dos padres salesianos que sempre ajudaram muito a todos na comunidade. E sempre deram uma mão para mim quando eu precisei. Até na escola em que trabalhei, eles sempre ajudavam nas festas que eu organizava.

6. Conte-nos uma história, algo que tenha acontecido no município, algo do nosso folclore.

R: Bom: tínhamos antigamente em Ascurra o boi de mamão. Feitas por algumas famílias. Então, eles passavam de casa em casa durante a noite, levando o boi-de-mamão. Levavam junto as gaitas que se tinham antigamente. Também tínhamos a noite de Reis. Fazia parte das nossas tradições. Mas, como tinham os mais antigos eles faziam. Porém, eles acabaram falecendo e a tradição se perdeu. Ah, e tem uma história também. Havia uma vez um casal de italianos. Eram velhinhos. Precisavam de um empregado. E quem achar? Apareceu um dia um homem de cor, queria trabalhar. Falou com a esposa. Pediu emprego. Ela falou para o marido: lê venhú uno domandarme laôro má elo l' é negro come el carbon (Veio um homem me pedir trabalho, mas ele é negro como o carvão). Diz o marido: Má vá lá dona, randzegue um posto per el (mas vame mulher, arrume um lugar para ele). E então se combinaram e pegaram ele de empregado. Não sabiam falar seu nome pois não sabiam falar em português direito. Não queriam chamá-lo de negro. Então, chamavam-no de "moro" (Moro seria o equivalente em português a Mouro, que para o casal significava negro). E ele entendeu. E entendia o que eles lhe pediam quando estavam na roça. Moro, vá torme eil caval! (mouro, vá pegar o cavalo!). Moro, vá torme el sapón (mouro, vá pegar a enchada). Moro, vá torme lá cerla, lá manara... (mouro, vá pegar a foice, o machado...) E assim trabalhavam juntos o casal e o empregado diariamente. Bom, e os italianos não sabiam dizer cobra, diziam "lá bissa"... Então, um dia, estavam roçando, um em cada lado da roça. A mulher acha uma cobra no meio da roçada. Ela chama o empregado: Moro véi quá. Varda que roba gué quá. (Mouro, venha aqui. Olha que coisa tem aqui) O empregado olhou e disse: Oh Patroa é uma cobra. A mulher brava: cramento den moro! Estúpido! ti chame de corda? No te vedi que lê na bissa... ?! ("cramento" de um Mouro, estúpido! Você chama de corda? Não vê que é uma cobra?!).

7. Para finalizar, que mensagem o senhor deixaria para os mais jovens ascurrenses?

R: Que a partir da educação que receberam da família e da escola, que evitassem o contato com as drogas. Que é sempre algo que leva o desconforto as famílias. Que busquem então uma vida mais saudável, pois as drogas não levam ao bem-estar de ninguém. E, que continuassem sempre a estudar e que se formassem e pudessem contribuir dentro da sua comunidade e ajudassem sempre mais nossa cidade a ser melhor.

Entrevista e Revisão: André Bazzanella e Sandro Luiz Bazzanella
Colaboração e auxílio na transcrição do dialeto: P. Luiz Bazzanella.

Algumas fotos da família de Emmembergo Bazzanella.



Ângelo Bazzanella e Virgínia Moretto Bazzanella, (in memorian), pais do Sr. Emmembergo Bazzanella.



Da esquerda para a direita: Emmebergo Bazzanella, Menotti Bazzanella (irmão, in memorian) e Mansueto Bazzanella (também irmão, in memorian)



O “Zio”, na atualidade aos 80 anos...

